



● Leitor iniciante



● Leitor em processo



● Leitor fluente

 **GI**RASSOL

EVA FURNARI

Felpe Filva

ILUSTRAÇÕES: EVA FURNARI

PROJETO DE LEITURA

Maria José Nóbrega

 **Moderna**
Contigo criamos leitores.

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor-de-cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que vêem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos lingüísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- do mesmo autor
- sobre o mesmo assunto
- sobre o mesmo gênero



Felpo Filva

EVA FURNARI



UM POUCO SOBRE A AUTORA

Nascida em Roma, na Itália, Eva Furnari vive no Brasil desde os três anos de idade. É escritora e ilustradora de livros infantis e publicou mais de trinta livros. Durante sete anos publicou pequenas histórias semanais no suplemento infantil do jornal *Folha de S.Paulo*. A partir de 1985, colaborou como ilustradora em diversas revistas. Tem livros publicados no México, no Equador e na Bolívia. Ao longo de sua carreira, Eva Furnari recebeu diversos prêmios: 1980 – Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, FNLIJ, pela coleção Peixe Vivo; 1982 – Prêmio de Melhor Livro sem Texto, da FNLIJ, pelo livro *A bruxinha atrapalhada*; 1987 – Prêmio Orígenes Lessa, da FNLIJ, para a coleção Ping-Pong; 1987 – Prêmio APCA, da Associação Paulista dos Críticos de Arte, pelo conjunto da obra; 1992 – Prêmio Adolfo Aizen, da UBE, União Brasileira de Escritores; 1993 – Prêmio Jabuti de Melhor Ilustração Infantil, da CBL, Câmara Brasileira do Livro, pelo livro *Truks*; 1995 – Prêmio Jabuti de Melhor Ilustração Infantil, da CBL, pelo livro *A bruxa Zelda e os oitenta docinhos*; 1998 – Prêmio Jabuti de Melhor Ilustração, da CBL, pelo livro *O anjinho*.



RESENHA

Felpe Filva, famoso poeta, é um coelho solitário. *Felpe era assim solitário desde os tempos de criança, quando os coleguinhas da escola zombavam dele porque ele tinha uma orelha mais curta que a outra.*

Felpe poderia ter ficado sozinho para sempre não fosse ter recebido, um dia, uma cartinha de Charlô, uma fã que discordava do conteúdo pessimista e dramático de alguns dos poemas que o poeta escrevia e que, ainda por cima, tinha tido a audácia de reescrevê-los ao seu modo.

Injuriado com o atrevimento de Charlô, Felpe inicia uma troca de correspondência em que o tom mal-humorado das primeiras cartas vai, aos poucos, ficando cada vez menos amargo até ficar tão doce quanto os bolinhos de chocolate da avó de Felpe.

P.S.

É claro que essa troca de cartas entre Felpe e Charlô só podia acabar em casamento. Afinal, orelhas diferentes são um tremendo charme.



COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Felpe Filva, o protagonista dessa história, é um coelho casmurro, porque, como afirma em sua autobiografia: *Quando eu era pequeno sofri muito porque tinha uma orelha mais curta que a outra. Os colegas sempre zombavam de mim...*

Felpe é um escritor de sucesso assediado pelos fãs, mas que ainda se ressentia das chacotas de que era vítima na infância. É a crítica audaciosa de Charlô aos seus poemas que desencadeia a mudança: revelar a doçura e o humor que se escondem sob o manto do rancor.

O tema da diferença é colocado explicitamente, sem rodeios, mas não espere sermões mal-humorados, como os poemas da primeira fase de Felpe.

Porém não é só isso. Há também a enorme variedade de textos com que convivemos, humanos e coelhos, nos mais diferentes contextos enunciativos, mas não espere “ponto” na lousa.

Nos bastidores do saboroso meiquinhofe (*making off*), Eva Furnari mostra como é possível aprender com humor. Ao longo da narrativa, a autora mostra como é possível refletir com leveza sobre tema tão delicado como o respeito às diferenças.

P.S.

Eva Furnari dedicou essa história a todos aqueles que têm orelhas diferentes, portanto, a todos nós, leitores, pois afinal, quem não tem alguma “orelha” diferente? Não é um luxo ler um livro que foi dedicado a nós?

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa

Temas transversais: Ética

Público-alvo: leitor fluente



PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. Chame a atenção para a capa. Embora composto por palavras inventadas, o título *Felpe Filva* parece ser um nome próprio. Por associação, a imagem de um coelho de óculos, muito concentrado, revisando um texto sugere, provavelmente, que o leitor está diante, nada mais nada menos, do próprio Felpe Filva.

a) Verifique se as crianças fazem essa associação.

b) Veja também se perceberam o trocadilho com o sobrenome Silva / Filva. E o nome “Felpe”? Será que é uma espécie de abreviatura de **Felpudo**?

c) Qual será a profissão de Felpe?

d) É bem provável que não notem que Felpe tem orelhas de tamanho diferente. Não chame a atenção para isso, inicialmente.

2. Leia o primeiro parágrafo do texto da quarta capa do livro e retome a discussão sobre a profissão da personagem. É bem provável que tenham dito escritor e não poeta. Qual a diferença? Todo escritor é poeta? E todo poeta é escritor?

3. Leia a dedicatória e estimule-os a observar os diferentes tipos de orelhas representados na ilustração. Pergunte por que será que Eva Furnari fez uma dedicatória como essa. Será que tem alguma relação com Felpe?

4. Leia o segundo parágrafo do texto da quarta capa e convide-os a folhear o livro para descobrir em que páginas há diferentes gêneros de texto. Explique que ainda não é para ler, mas apenas para tentar descobrir pela sua silhueta, pela sua disposição gráfica. É provável que identifiquem alguns pela distribuição em colunas, o tipo e o tamanho da letra etc.

Durante a leitura:

1. Para saborear a troca de cartas entre Felpe e Charlô, que vai acabar em casamento, e se debruçar também sobre os diferentes gêneros de texto que vão se intercalando ao longo dessa emocionante história de amor, aconselhamos programar a leitura do livro em partes. Aí vai nossa sugestão:

a) da página 7 até a página 10, a autobiografia e o manual de instruções;

b) da página 11 até a página 18, a carta, o poema e as capas dos livros;

c) da página 19 até a página 23, o telegrama, a bula, a carta e a fábula;

d) da página 24 até a página 30, o conto de fada, a carta, a receita e a lista;

e) da página 31 até a página 37, o cartão-postal e a canção.

2. Para não interromper o fluxo da leitura, procure, inicialmente, apenas instigar as crianças a deduzir qual a finalidade daquele tipo de texto, articulando-o ao desenvolvimento do enredo.

3. Proponha à turma, durante o período de leitura do livro, coleccionar textos dos mesmos gêneros que aparecem no livro. Organize pastas ou reserve uma parte do mural para que as crianças possam arquivar ou afixar o material recolhido.

Depois da leitura:

1. Converse com as crianças sobre a história de Felpe e de como ele descobriu um jeito mais divertido de viver a partir das críticas de Charlô aos seus poemas.

2. Aproveite e encarregue alguns alunos de preparar uma leitura bem expressiva dos poemas de Felpe e também das reformulações de Charlô. Se quiser, desafie-os a produzir outras versões a partir da avaliação que fizeram dos poemas.

3. Detenha-se na leitura do manual de instruções do STICORELIA RABITE PERFECTION. Não é tão simples assim entender como o aparelho funciona, mas uma espiadinha na ilustração da página 9 é muito esclarecedora. Em geral, os leitores têm muita dificuldade para ler manuais, por isso preferem pedir explicações orais para quem já conhece como o tal aparelho funciona. Peça que conversem com a família a respeito.

4. Que tal inventar aparelhos malucos e produzir manuais de instrução divertidos como o do livro? Se a turma gostar da idéia, analise com eles alguns dos manuais que tiverem trazido para a classe durante a leitura.

5. Chame a atenção para os diferentes tipos de fonte usados no livro: as letras usadas na parte em que o narrador conta a história, a letra manuscrita com que Charlô escreve suas cartas, a letra da máquina de escrever com que Felpe responde às cartas de Charlô etc.

6. Por falar em máquina de escrever, tente descobrir quem tem máquinas de escrever em casa e veja quem pode emprestar alguma para que as crianças possam datilografar um provérbio. Certamente, elas vão achar interessante “esse prático computador que digita e imprime ao mesmo tempo”.

7. Na página 15, o leitor encontra um verdadeiro catálogo com os livros escritos por Felpe Filva. Há neles uma série de referências:

A *cenoura murcha*, refere-se ao popular alimento preferido dos coelhos; *De olhos vermelhos*, é um verso de uma canção (*De olhos vermelhos / De pêlos branquinhos / De pulos bem leves / Eu sou coelhinho...*); *Um pé de coelho azarado*, à superstição de que pé de coelho dá sorte; *Infeliz Páscoa*, o uso do coelho como um dos símbolos da Páscoa; *A horta por trás das grades*, remete à impossibilidade de acesso aos alimentos, já que coelhos são herbívoros.

Como imaginam que devam ser essas histórias? Lembre-os de que é a fase pessimista de Felpo.

8. Que tal criar um novo catálogo com as obras da fase divertida do escritor? Para produzir a capa, convide-os a se inspirar nos simpáticos coelhos desenhados por Eva Furnari. Organize uma exposição com as capas criadas.

9. Não perca a oportunidade, é claro, de preparar a receita dos bolinhos de chocolate da avó do Felpo. Só de ler a receita dá água na boca, não é?

10. Cante com a criançada *Orelhas*, com letra de Charlô e música de Felpo. Peça ajuda ao professor de Música ou a alguém que saiba ler partitura e solte a voz...

11. Programe a leitura do P.S. ou do “meiquinhofe” (*making off*), como dizem os simpáticos comentaristas. Como os comentários são diálogos entre as personagens, ficaria bem interessante o professor dividir a turma em duplas, que teriam como tarefa preparar pequenas cenas para apresentar aos colegas.

Após cada cena, as crianças podem ler alguns dos textos do mesmo gênero que colecionaram durante a leitura e finalizar com a leitura das definições apresentadas.



LEIA MAIS...

1. DA MESMA AUTORA

Problemas da família Gorgonzola — São Paulo, Global

Pandolfo Bereba — São Paulo, Moderna

Lolo Barnabé — São Paulo, Moderna

Cocô de passarinho — São Paulo, Companhia das Letrinhas

Nós — São Paulo, Global

2. SOBRE O MESMO ASSUNTO

Alguém muito especial — Miriam Portela, São Paulo, Moderna

Maria Noite, Maria Dia — Elisabeth Maggio, São Paulo, Moderna

Sempre haverá um amanhã — Giselda Laporta Nicoletis, São Paulo, Moderna

Moderna
Contigo criamos leitores